

## PENSAR A LITERATURA (E SEU ENSINO) COMO ZONA DE VIZINHANÇA E CONVERGÊNCIA<sup>1</sup>

THINKING LITERATURE (AND ITS TEACHING) AS A NEIGHBORHOOD AND CONVERGENCE ZONE

PENSAR LA LITERATURA (Y SU ENSEÑANZA) COMO ZONA DE BARRIO Y CONVERGENCIA

**Josué Borges de Araújo Godinho**

Doutor em Estudos Literários – Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG  
Professor Efetivo de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Carangola.  
<https://orcid.org/0000-0003-4770-6759>  
E-mail: josuebagodinho@hotmail.com

[...] sempre ri de todo mestre  
Que nunca ri de si também.  
Nietzsche – **A gaia ciência**

### RESUMO

Este texto é uma forma híbrida de se relatar um ano de pesquisa no campo do ensino de literatura. Propõe-se a discutir a literatura em si como zona de vizinhança e convergência de diferentes formas de pensamento e campos de conhecimento. Para tanto, alguns caminhos e métodos são adotados a fim de que se consiga ao menos traçar um mapeamento da questão. O primeiro método vem da sondagem, entre estudantes de Letras, sobre o que compreendem como literatura. Isto posto, dialoga-se com uma entrevista de Jacques Derrida (2014), em que explicita de forma evidente o interesse das desconstruções pela literatura, mas também a noção de que, historicamente dissociada do lastro da verdade, a literatura pode dizer tudo. Para Derrida, há aí uma responsabilidade correlata da liberdade de poder tudo dizer. É a partir desse pensamento que a abordagem do texto literário extrapola os limites do pensamento científico, transbordando fronteiras do logocentrismo racionalista, produtivista e capitalista. A força da vida e do pensamento, demonstra-o Deleuze em *Crítica e clínica* (2011), está na potencialidade de extrapolar os limites do caráter ordinário do senso comum, do cotidiano, de modo que na literatura o escritor instaura uma desordem do *status quo* da gramaticalidade e da sintaxe cotidiana, de forma que a vida, percebida pelo texto literário, se dá por associações e encadeamentos contingenciais, na forma de deslimites e rizomas. O texto tem, ainda, como finalidade, pensar a interseção “ensino+pesquisa+interpretação” do texto literário fora dos muros da pedagogização.

**Palavras-chave:** Concepção de Literatura; Teoria da Literatura; Ensino e Pesquisa em Literatura.

### ABSTRACT

This text is a hybrid form to report a year of research in the field of teaching literature. It proposes to discuss the literature itself as a neighborhood and convergence zone of different forms of thought and fields of

---

<sup>1</sup> Trabalho financiado com Bolsa de Produtividade em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, edital Pq 06/2021.

knowledge. To this end, some paths and methods will be adopted in order to at least map out the issue. The first method comes from a survey, among Literature students, about what they understand as literature. That said, there will be a dialogue with Jacques Derrida's interview (2014), in which Derrida makes explicit in a more evident way the interest of deconstructions in literature and the notion that, being historically dissociated from the ballast of truth, literature can say everything. For Derrida, there is a great responsibility related to the freedom to be able to say everything. It is also based on this thought that the approach to the literary text goes beyond the limits of scientific thought, overflowing the borders of the rationalist, capitalist and productivist logocentrism. The strength of life and thought, Deleuze demonstrates in **Crítica e clínica** (2011), lies in the potential to extrapolate the limits of the ordinary character of common sense, of everyday life, so that in literature the writer establishes a disorder of the status quo of everyday grammar and syntax, so that life, perceived by the literary text, takes place through associations and contingent linkages, in the form of boundaries and rhizomes. This text also has the purpose of thinking about the intersection "teaching+research+interpretation" of the literary text outside the constraints of pedagogization.

**Key-words:** Conception of Literature; Literature Theory; Teaching and Research in Literature.

## RESUMEN

Este texto es una forma híbrida de relatar un año de investigación en el campo de la enseñanza de la literatura. Así, propone discutir la propia literatura como barrio y zona de convergencia de diferentes formas de pensamiento y campos del saber. Para ello, se adoptarán algunos caminos y métodos para al menos mapear el problema. El primer método surge de una encuesta, entre estudiantes de Literatura, sobre lo que entienden por literatura. Dicho esto, habrá un diálogo con la entrevista de Jacques Derrida (2014), en la que Derrida explicita de manera más evidente el interés de las deconstrucciones en la literatura, y la noción de que, estando históricamente dissociada del lastre de la verdad, la literatura puede decirlo todo. Para Derrida hay una gran responsabilidad relacionada con la libertad de poder decirlo todo. Es también en base a este pensamiento que el abordaje del texto literario va más allá de los límites del pensamiento científico, desbordando las fronteras del logocentrismo racionalista, capitalista y productivista. La fuerza de la vida y del pensamiento, demuestra Deleuze en **Crítica e clínica** (2011), radica en la potencialidad de extrapolar los límites del carácter ordinario del sentido común, de la cotidianidad, de modo que en la literatura el escritor instaure un desorden del status quo de la gramática y la sintaxis cotidianas, de manera que la vida, percibida por el texto literario, se realiza a través de asociaciones y vínculos contingentes, en forma de límites y rizomas. Este texto también tiene el propósito de pensar la intersección "enseñanza+investigación+interpretación" del texto literario fuera de los límites de la pedagogización.

**Palabras-clave:** Concepción de la Literatura; Teoría de la Literatura; Docencia e Investigación en Literatura.

## INTRODUÇÃO

Começo a escrita deste texto a partir do ponto de vista do professor de literatura que atua em um curso de Letras com foco na formação de professores. Por isso, tentarei adotar a perspectiva daquele que convive semanalmente com turmas de Licenciatura em Letras (Português e Inglês) as quais, somados o primeiro e o segundo semestre, contam com alunos do primeiro ao sexto período formativos.

A provocação inicial, que deu origem à investigação que desenvolvi durante o ano de 2022 (e que pretendo seguir em 2023), partiu das concepções que os alunos, ingressantes no curso de Letras, têm sobre o que é literatura e por que ensiná-la. Em 15 anos de docência, ora no ensino médio, ora na graduação, mas sempre tendo a literatura (ou a filosofia) como objeto de ensino, este problema se apresentou para mim a partir do momento em que passei a atuar como professor efetivo em um curso cujo foco é a formação de professores e, mais do que perguntar-me o que é literatura, a dúvida que me ocupou maioritariamente foi: o que e como se ensina quando se ensina literatura? Dúvida já de há muito malhada por inúmeros outros antes de mim e contemporâneos a mim<sup>2</sup>.

Anualmente, minhas aulas de teoria da literatura são iniciadas com a colocação de algumas questões à turma, dentre elas, a clássica “O que é literatura?”, seguida de “O que é teoria da literatura?”, “O que você considera uma boa literatura?” e, dentre outras, “Nos tempos de escola, o que te ensinavam como literatura?”. Obviamente, não sou o primeiro a colocar tais questões, sobretudo em sala de aula, mas o breve questionário serve para sondar a percepção que os alunos têm quando chegam ao curso, e para termos a certeza, mais uma vez, de que a pergunta fica sem resposta. Contudo, não vou me ater a essas questões, o que estou tentando é armar o ponto de um fato.

Ao escrever este texto, sigo ainda com mais dúvidas do que certezas, sobretudo a respeito do que consiste o ensino de literatura e da sua adequação, ou não, aos parâmetros e às diretrizes. A literatura é uma instituição estranha, para usar aqui a afirmação de Derrida, e sua estranheza tem um quê de irredutibilidade aos parâmetros de ensino e de aprendizagem traçados pelas diretrizes as mais diversas. Em um curso de licenciatura, com foco na formação de professores, isso pode ser tanto bom quanto ruim a depender das abordagens e, principalmente, das concepções de literatura e de ensino, bem como do grau de pedagogização que o projeto de curso imprime em suas disciplinas.

## AS CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES – OU, DO MÉTODO E DO MATERIAL

---

<sup>2</sup> DURÃO (2020), DURÃO & CECHINEL (2022), PÉCORA (2014), CAGLIARI (2014), FRANCHETTI (2021) etc.

Considero a sondagem inicial com estudantes um método válido para traçar o caminho pelo menos nos primeiros contatos do curso. Colocarei aqui para análise duas das questões que disponibilizo para eles (“O que é literatura?” e “O que é boa literatura, literatura de qualidade? Justifique e dê exemplos.”). Há casos de definições que fogem da curva do comum, no entanto, a maioria incorre na concepção de que “literatura é um conjunto de obras de determinado autor ou país” ou “que a literatura é a arte da escrita”.

Vejamos algumas concepções apresentadas por estudantes de teoria da literatura do primeiro período de Letras de 2022. Tenhamos em mente as questões: “O que é literatura?” e “O que é boa literatura, literatura de qualidade? Justifique e dê exemplos.” Para tanto, vou ensaiar ainda uma tripartição das concepções: 1. Foco na própria literatura enquanto multiplicidade de gêneros; 2. Foco no caráter estético e na recepção do texto literário; 3. Foco na historicidade da literatura enquanto produto da cultura<sup>3</sup>.

No eixo 1, as definições ensaiadas chegam a afirmações de que a literatura é o *conjunto de textos literários com diversos tipos de produções e gêneros. É uma manifestação antiga onde se transforma as palavras em arte*<sup>4</sup>. Semelhantemente, encontramos a afirmação de que *literatura é toda manifestação de linguagem que tem como uma das finalidades a expressão estética (percepção). Conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético*<sup>5</sup>. Há, portanto, uma ideia de que a literatura é um conjunto de múltiplos e diferentes gêneros, resvalando por questões de estética, com o bônus intuitivo da associação entre estética e percepção, estética e sensação.

Nesse sentido, as definições concentradas no eixo 2 são mais específicas no que respeita à “função estética da recepção”. A aluna Rannielly Fernandes Couto, por exemplo, afirma que *literatura é uma forma de se expressar utilizando a escrita, é a maneira de levar o leitor em vários lugares sem se deslocar. É um tipo de arte que nos permite usar a imaginação e nos transporta para dentro da história*<sup>6</sup>. Das três definições, então, há duas com foco na recepção, no leitor e em certo “poder” do texto literário de deslocá-lo de seu ponto de repouso.

---

<sup>3</sup> Neste ensaio, as definições dadas por discentes estarão integradas ao corpo do texto; quando isto ocorrer, o texto estará em itálico.

<sup>4</sup> Definição do docente Wythalo de Melo Polegario, 1º período de Letras – 2022.

<sup>5</sup> Definição do docente Vitória Nascimento Costa, 1º período de Letras – 2022.

<sup>6</sup> Definição do docente Rannielly Fernandes Couto, 1º período de Letras – 2022.

Há algo aqui que me intriga a esse respeito, pois concebo a literatura não só como uma forma de pensamento, mas, sobretudo, uma forma de provocação do pensamento, tendo sempre em mente que pensar é sair do lugar, isto é, o pensamento provocado pela leitura do texto literário é um exercício no tempo e no espaço, é um deslocamento territorial e sensorial por meio de afectos e perceptos estéticos. Portanto, e aqui a concepção do estudante toca um ponto importante, é uma forma de pensamento por percepção e intensidade proporcionada pela leitura do texto literário. Guardemos esta informação por alguns instantes.

No eixo 3, há uma concepção que me intriga, pois se destaca entre as demais e se sustenta. A aluna Daniella de Sousa Oliveira afirma que, *embora seja difícil definir, acredito que a literatura seja um produto que foi surgindo com as culturas das novas civilizações, com o intuito de contar suas histórias para as próximas gerações: vide as obras gregas **Ilíada** e **Odisseia** e a obra portuguesa **Os Lusíadas***<sup>7</sup>.

E aqui gostaria de abrir um diálogo com um dos derradeiros trabalhos de Jacques Rancière, dedicado a Guimarães Rosa, e suas considerações sobre a natureza da ficção. Na abertura de seu ensaio, Rancière afirma que seu estudo [...] não tem como objeto a diferença ontológica entre ficção e realidade. A ficção não é, a meu ver, o ato de inventar mundos que não existem. Ela faz parte integrante de nosso mundo e, mais, de nossa maneira de fazer mundo (RANCIÈRE, 2021, p. 7-8).

A afirmação de Rancière é interessantamente paradoxal, contudo, o leitor/intérprete incauto corre o risco de pesar a balança para um dos lados, sobretudo aquele que afirma que a literatura é uma representação do mundo, ou que a literatura imita a vida. Quando, na verdade, deveríamos aprender a encará-la como um ato da vida, como uma espécie de atitude diante da vida, sobretudo, uma atitude ligada à vida. Creio que a concepção rancièriana de ficção – e, por extensão, de literatura – esteja mais neste campo em que a criação literária seja tomada como uma forma de contiguidade à vida ou a isto a que nomeamos realidade.

Nesses termos, podemos pensar também com Gilles Deleuze no capítulo de abertura de seu **Crítica e clínica**. Deleuze é certo ao escrever “A literatura e a vida”. De

---

<sup>7</sup> Definição da docente Daniella de Sousa Oliveira, 1º período de Letras – 2022.

todas as tentativas de se encarar a literatura enquanto instituição, creio que a deleuziana é uma das mais pontuais, especialmente, por se tratar de uma afirmativa que principia pela negação: “Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida” (DELEUZE, 2011, p. 11). Ora, estamos, portanto, diante de uma aceção que, de certo modo, está na contracorrente não só do senso comum, como também de toda a tradição calcada nas mais diversas teorias miméticas, de Platão e Aristóteles a René Girard.

Creio que Deleuze lança, com sua visão antimimética, uma dupla mirada para o passado e o futuro da literatura e, também, de seu ensino, sendo ela, como afirma o filósofo, “uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 2011, p. 11). Ela é esse processo extravagante diante da vida e da realidade, extravagante porque extravasa qualquer concepção que a tome como imitação da vida, representação da vida ou algo do tipo. Nenhuma literatura é representação ou imitação da vida, mas faz rizoma com ela, para ficarmos ainda com o vocabulário deleuziano. Sendo sempre uma zona de vizinhança, e não uma forma pronta, atravessa a vida criando as suas zonas de contato, de permeabilidade e indiscernibilidade. E compreender isso talvez seja nosso maior desafio enquanto estudiosos da literatura e, também, professores de literatura.

## DIALOGANDO COM A TEORIA – UM MAPEAMENTO DA QUESTÃO

Na nota introdutória de seu último livro, **Seis propostas para o novo milênio**, Ítalo Calvino afirma, em tom de prognóstico, que sua “confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar” (CALVINO, 1990, p. 11). O escritor e crítico literário escreve este livro quando se aproxima o fim do milênio (e do séc. XX), em que frequentemente se interrogavam sobre os fins do livro e o destino da literatura na era tecnológica pós-industrial. Contudo, o que está em voga em suas propostas não são as previsões, mas, sobretudo, a potência que se encerra nas especificidades da literatura.

Durante o fatídico ano de 2022, desenvolvi um breve projeto de pesquisa intitulado **Metodologia de pesquisa e ensino de literatura – o desenvolvimento da competência crítica**, ocupou-se principalmente do estudo das abordagens metodológicas implicadas no estudo da literatura, bem como as reflexões que as metodologias de pesquisa têm no

ensino da disciplina. Para tanto, a orientação que Calvino dá em seu texto foi fundamental na condução desta empreitada e na sua continuidade, que se dará em 2023. Calvino afirma que a literatura se constitui em uma possibilidade de salvação diante do que ele chama de “epidemia pestilenta da linguagem”, isto é, uma certa “perda de força cognoscitiva e de imediaticidade”, perpetrada pela difusão de automatismos niveladores da linguagem, dos sentidos e dos significados (CALVINO, 1990, p. 72). Tal automatização, de certo modo, implica também em constantes imposições de universos de sentido determinados, orientados e fechados (mas guardemos esta informação para o final).

É nesse sentido que o crítico vai afirmar que “A literatura (e talvez somente a literatura) pode criar anticorpos que coíbam a expansão desse flagelo linguístico” (CALVINO, 1990, p. 72). Tal flagelo estaria na midiatização inconsequente e cada vez mais desenfreada conforme avança-se pelo século XXI, cuja veiculação de imagens e de linguagens as mais diversas estaria atrelada à deliberada intenção de destituir o receptor/leitor de sua capacidade de reflexão crítica. É importante salientar, frequentemente, que a difusão de imagens e de linguagens em si mesmas não constitui o problema, mas a transformação, pelos *mass-media*, do mundo, da linguagem em mecanismos automatizados, em circuitos semânticos fechados ou receitas infinitas de como fazer, sim. E, nesses termos, é legítimo aventar que a literatura, enquanto instituição pensante que chama o leitor à reflexão crítica, pode ser considerada como a fomentadora de anticorpos ao que Calvino chama de epidemia da linguagem.

É lícito salientar, ainda, e em consonância com Roland Barthes, que a literatura é entendida aqui não como um conjunto específico de obras ou a disciplina específica das cadeiras escolares, “mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (BARTHES, 2004, p. 17). Portanto, falamos aqui de textos cujo o teor e o tecido configuram-se como sendo de caráter literário, e cujo caráter fundamental dá-se na maneira como esse texto se organiza, mas, também, na forma como ele é lido.

Então, Barthes afirma que estamos em um território cuja relação com a língua e a linguagem se dá como forma de “trapacear a língua”, isto é, a literatura, enquanto linguagem e texto, instaura-se no ambiente precisamente fora, e às vezes contra, do jogo do poder da língua (BARTHES, 2004, p. 17). É o que Gilles Deleuze vai chamar de “capa reativa”, ou seja, é a instância do trabalho com a linguagem em que a organização textual

desobedece aos postulados do que se pode chamar de “língua oficial”. De certo modo, é um logro que permite destituir o poder da língua oficial e, por que não, da gramática normativa. Por isso, propícia à matéria pensante e à reflexão crítica, posto que dá a ver e a pensar o que a língua ordinária, i.e., a língua do dia a dia, contaminada pela epidemia da linguagem, não permite vislumbrar. E, assim, concordamos uma vez mais com Deleuze, que afirma que escrever/ler literatura é devir, é um processo “sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida” (DELEUZE, 2011, p. 11).

Seguindo nessa linha, é importante apropriarmo-nos das questões propostas por Antoine Compagnon, em **Literatura para quê?**: “Há realmente coisas que só a literatura pode nos oferecer? A literatura é indispensável, ou ela é substituível?” (COMPAGNON, 2009, p. 20). Sim e não, porque no campo da literatura não estão em questão as certezas. Sim, porque a literatura é um modo artístico de organização da língua, mas, paralelamente a ela, nos nossos tempos, vemos outras formas artísticas que também se organizam em torno desse modo de produção de textos e de narrativas. Contudo, é mister atermo-nos sempre à afirmação de Paulo Franchetti, segundo quem:

Por depender só da palavra, a literatura, na verdade, tem uma força que as artes combinadas não possuem. Ela abre um espaço enorme para a projeção do leitor. De fato, tudo depende da imaginação: um rosto, por mais que seja pormenorizadamente descrito, é diferente para cada leitor; como o é também o tom de voz de uma personagem, uma paisagem, um ruído da guerra, o som de um grito ou um encontro amoroso (FRANCHETTI, 2021, p. 29-30).

Partindo-se de tal pressuposto, sim, há coisas que somente a literatura pode nos oferecer, pois cada instância que a compõe atua como afectos e perceptos, atua como afecções no ato da leitura, e este ato depende fundamentalmente do leitor. Assim sendo, indispensável ou não, a literatura faz o que as artes combinadas, ou expandidas, não fazem; podemos dizer, posto que no ato da leitura do texto literário tudo depende, fundamentalmente, da imaginação construída no processo de leitura-interpretação. Ainda que se mobilize o texto literário com finalidades outras (políticas, sociais, ideológicas), o contato primeiro com o texto é pessoal e intransferível, portanto, inalienável.

Tornando uma vez mais a Roland Barthes, o estudo da literatura se dedica àquela categoria de textos enciclopédicos, para os quais os saberes giram. “A literatura”, afirma



Barthes, “não fixa, não fetichiza nenhum deles; lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (BARTHES, 2004, p. 18). É nesse sentido que se pode afirmar, em consonância com o autor francês, que a literatura trabalha nos interstícios, nas entrelinhas, nas vozes inauditas dos saberes e das ciências. Para tanto, tensiona sempre a linguagem até o seu limite e, ao fazê-lo, afirma, por sua vez, Alberto Manguel (2020), dramatiza e encena um mundo diante dos leitores.

As questões aqui elencadas puxam a discussão para outras, relativas às metodologias de pesquisa e ensino em literatura. Lidar com o texto literário é assumir, deliberadamente, que se tem diante de si um objeto (este substantivo, ele mesmo, estranho ao campo literário) que é irredutível e estranho ao conhecimento, isto é, ao conhecimento definido nas instâncias do ensino formativo e das ciências ditas duras.

Sobre tal pensamento, diferentes pensadores da literatura são consortes em afirmar essa irredutibilidade. Alcir Pécora, por exemplo, indica que o impasse entre literatura e conhecimento principia porque:

O problema começa quando se começa a pensar que ela possa ser traduzida ou mesmo dignificada por uma ideia, uma teoria ou conhecimento que formule a sua essência ou a sua finalidade. Porque a ideia de conhecimento supõe a ideia de propósito, de constituição racional de um argumento, cujo andamento ordenado gera ou tende a um conceito. Ou seja, a ideia de conhecimento está assentada sobre esse tipo de operação que tende a abstratizar a Literatura, e não acho que ela ganhe com isso (PÉCORA, 2014, p. 308).

Com isso, Pécora quer dizer que a questão que permeia a pesquisa e o ensino em literatura não se dá necessariamente na produção de um conhecimento específico, conceituado e acabado, mas o que está envolvido em todo o processo é que a obra literária é fruição constante. Dito de outro modo, a obra literária não se dá a conhecer em um conhecimento encerrado, isto é, do tipo que se possa adquirir um conhecimento e dispensar o objeto de estudo, nesse caso, uma obra em especial. O que se diz é que a relação com o objeto literário se dá no espaço e no tempo, cujos conhecimentos vão sendo pautados paulatinamente, Pécora afirma que

[...]o que há de mais característico quando se tem contato com as grandes obras é, justamente, você não quer deixá-las de lado. Quando a obra é convincente, o movimento irresistível é voltar a ela muitas vezes: **você acaba tendo uma história com ela que pode durar toda a vida** (PÉCORA, 2014, p. 309, grifos meus).

Partindo de tal pressuposto, Pécora indica um retorno ao livro de Ítalo Calvino, **Por que ler os clássicos** (2007), posto que o movimento que envolve as pesquisas em literatura exige um retorno constante, um movimento de consideração e de fruição da obra literária. Isso implica em considerar a obra de arte, e, no nosso caso, a literatura, muito mais no campo de realização produtiva que se dá a cada vez que o ato de leitura se coloca em prática do que ao conhecimento propriamente dito, ou seja, há um valor mediado no ato da leitura que é o da experiência com a obra literária, a cada vez pessoal e irredutível.

Não implica, contudo, dizer que os discursos tecidos em torno do texto literário não são importantes, posto que, ainda que resistente à formalização do conhecimento enquanto tal, nosso esforço, de nós, leitores, estará sempre no campo de tornar o texto “menos estrangeiro ou menos selvagem do que nos pareceu” (PÉCORA, 2014, p. 310). Implica, outrossim, em assumir que a cada vez que se tem contato com o texto, ele fala, e pede uma leitura que não está necessariamente formatada por qualquer que seja “o manual de operação do texto literário e da leitura” (PÉCORA, 2014, p. 310).

Tais questões, relativas à irredutibilidade do literário às formas de conhecimento encerradas no campo das ciências duras, vão de encontro à institucionalização dos estudos literários, campo por excelência de resistência da literatura diante de outras formas de arte concorrentes (telenovelas, séries de *stream*, *games* etc.) na mediação de histórias e de conhecimentos. Entretanto, é necessário sempre trabalhar diante desse paradoxo que se instaura, a literatura é irredutível, mas é preciso que ela medeie conhecimentos e formas de ser e estar no mundo para que sua institucionalização universitária seja justificada.

É nesse sentido que pensamos junto a estudiosos contemporâneos (e outros nem tanto) preocupados com as metodologias de pesquisa implicadas no campo dos estudos literários. E isso excede o campo estrito da Teoria da Literatura. Pensamos com estudiosos como Fábio Durão que, em seu recente **Metodologia de Pesquisa em literatura** (2020), aponta para a necessidade de se contrapor o que tradicionalmente se entende e se

entendia por metodologia de pesquisa em literatura, e o que sua proposta apresenta. Para Durão,

[...] a preocupação preponderante de publicações sobre metodologia nas humanidades volta-se para um aspecto utilitário-instrumental: como acessar fontes, fazer fichamentos, organizar bibliografias etc., raramente realizando uma autorreflexão sobre o que significa pesquisar. O presente livro pode ser visto como um complemento a publicações mais sistematizantes e ordenadoras (DURÃO, 2020, p. 11).

Não se trata de afirmar que tal concepção de metodologia de pesquisa não valha por si só, pelo contrário, no campo dos estudos literários, afirma ainda Durão, encontram-se excelentes trabalhos com essa verve, como os de Roberto Acízelo de Souza<sup>8</sup> (2016), Umberto Eco<sup>9</sup> (2006), Vitor Manuel de Aguiar e Silva<sup>10</sup> (1990), dentre outros. Trata-se, contudo, afirma Durão, de dar “ênfase maior na interpretação” (2020, p. 11).

Em nenhuma medida tal proposta implica em desconsiderar os postulados das diferentes perspectivas teóricas, todas elas tendo construído campos metodológicos eficazes e consistentes nas abordagens do texto literário. O que está em questão, conforme Durão, é a construção de uma perspectiva teórica “situada acima da mera aplicação de teorias”, mas submeter o texto literário “ao crivo da interpretação, considerando-as [as correntes teóricas] não apenas como fonte de conceitos a ser usados, mas também como *material* a ser investigado”. Desse modo, a pesquisa, implicada no trabalho de interpretação, incorpora a teoria em “um âmbito de investigação que possa abarcá-la” (DURÃO, 2020, p. 12).

Nesses termos, é importante pensar não só o ensino da literatura, como também a pesquisa em literatura dentro da equação desenvolvida por Fábio Durão em seu livro: **pesquisa em literatura = interpretação + aparato acadêmico** (DURÃO, 2020, p. 15). Em que o trabalho de pesquisa deverá associar a interpretação, municiada pelo repertório de leituras e de conhecimentos de mundo de que dispõe o aluno de Letras, ao processo de pesquisas e de procedimentos teóricos desenvolvidos academicamente. Desse modo, tudo

---

<sup>8</sup> SOUZA, Roberto Acízelo de. **Um pouco de método**: nos estudos literários em particular, com extensão às humanidades em geral, 2016.

<sup>9</sup> ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**, 2006.

<sup>10</sup> AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria e metodologia literárias**, 1990.

isto somado a um repertório literário e conceitual em constante expansão, deixando, sempre e em cada momento, que o objeto literário fale nas duas pontas do processo, sem que se estabeleça um aparato teórico previamente ao texto, mas que este se dê no ato de leitura, da interpretação e da reflexão teórica.

No Prefácio de seu derradeiro livro, **Como ler literatura** (2020), Terry Eagleton afirma:

Como o sapateado, a arte de analisar obras literárias está quase extinta. Toda uma tradição de “leitura vagarosa”, como dizia Nietzsche, corre o risco de sumir sem deixar rastro. Ao prestar uma atenção minuciosa à forma e à técnica literária, este livro é uma modesta tentativa de vir em sua salvação. Ele foi concebido basicamente como um guia para principiantes, mas espero que também seja útil para quem já se dedica aos estudos literários ou simplesmente gosta de ler poemas, peças e romances nas horas de lazer. Procuro lançar luz sobre temas como a narrativa, o enredo, o personagem, a linguagem literária, a natureza da ficção, problemas de interpretação crítica, o papel do leitor e a questão dos juízos de valor. O livro também discorre sobre alguns autores e correntes literárias como o classicismo, o romantismo, o modernismo e o realismo, para quem talvez se sinta precisado (EAGLETON, 2019, p. 9).

A proposta de Eagleton é importante e necessária, pois volta-se para a análise do texto literário, a análise crítica desse texto, municiado de um dos princípios de Ítalo Calvino em **Seis propostas para o próximo milênio**, que é o princípio da leveza, i.e., o estudo sistemático do texto literário, necessariamente associado às questões políticas e teóricas sobre ele, mas com a ciência de que é impossível saber fazê-lo “sem ter alguma sensibilidade à linguagem deles” (EAGLETON, 2019, p. 9).

A sistematização e a institucionalização dos estudos literários na universidade são indissociáveis do aparato teórico-metodológico construído em torno deles. É isso que necessariamente separa a leitura cotidiana desinteressada, de considerável valor para a formação social e política do sujeito, da sistematização teórica em torno do texto literário, aquela leitura comprometida e interessada que se fundamenta na organização da escrita literária a fim de construir, paralelamente a outros campos do saber, um aparato de conhecimentos teóricos pertinentes à escrita, à arte da escrita.

Contudo, entre este leitor e aquele, há a comunhão dos diferentes processos de interpretação, indispensável para a leitura do texto literário.

É sempre importante frisar que esse trabalho difere de outros campos dos saberes e das ciências, para os quais os conhecimentos produzidos têm uma utilidade prática imediata, a depender de sua natureza. Nada impede que tais características normativas e pragmáticas estejam implicadas no campo dos estudos literários, pois a literatura pode e deve conviver com isso. Mas é preciso levar em conta uma série de fatores quando o objeto de pesquisa é o texto literário e seu consequente ensino.

O primeiro deles é a respeito da utilidade ou não do texto literário. A utilidade, esse substantivo fundamentalmente permeado por uma lógica pragmática do capital e da capitalização das diferentes formas de conhecimento, pressupõe um uso específico, o que concerniria à volatilidade do texto literário a necessidade de sua aplicabilidade nos usos do cotidiano. Partindo desse pressuposto, não há utilidade para a literatura. Se há alguma, ela está no campo pensado por Alberto Manguel, em seu mais recente livro, **Notas para uma definição do leitor ideal**:

A leitura esfrega o mundo no nosso nariz, é preciso muita força de vontade para não nos envolvermos com os sofrimentos de Brás Cubas ou com a paixão de Fedra. Cada livro, cada história pode ser, assim como para Sherazade, uma estratégia contra a morte; pode ser também um projeto para uma vida melhor, como Dante a imaginou, ou pelo menos mais justa, como sonhou D. Quixote (MANGUEL, 2021, p. 14).

Impõe-se encarar o trabalho com a literatura como uma maneira de perceber o mundo e a vida por uma via diferente, que não aquela do cotidiano e de suas dinâmicas sempre muito determinadas. Em texto de 2014, intitulado “Ensinar literatura: a que será que se destina?”, Caio Gagliardi realizou uma interessante experiência com seus alunos do curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP). O professor propõe aos alunos a leitura de um artigo publicado no jornal **Folha de São Paulo** e, posteriormente, que redigissem uma carta-resposta sobre o tema do artigo, “ensino de literatura”. A experiência expõe o debate a respeito do tema, e o corpo discente nela implicado é unânime no que diz respeito ao que está envolvido no ensino de literatura. O debate pode ser muito bem representado pelo fragmento de uma das cartas:

Ainda resta algo de “não útil” no mundo, algo que não é “inútil”, mas efetivamente tem pouca aplicação cotidiana ou concreta: resta à literatura

a “não utilidade” de existir. É justamente por isso que se deve discutir seu ensino, pois a escola forma sujeitos dispostos à socialização, não apenas criaturas funcionais neste ou naquele campo específico. Apresentar os alunos à literatura é uma forma de torná-los mais humanos, não no sentido mais “filosófico” ou “metafísico” do termo, mas justamente no sentido “bruto”: o ser humano, uma vez integrado à sociedade, tem na linguagem não somente uma forma efetiva e eficiente, na maior parte das vezes, de se comunicar objetivamente, mas principalmente de vivenciar aquilo que não existe fora do campo da linguagem, fora desse mundo abstrato-concreto. A literatura faz essa passagem entre a comunicação e a integração do que está além, faz a ponte entre a pura expressão de sentimentos via linguagem e a moderação dos sentimentos através da linguagem, eliminando a barreira equivocada entre aquilo que é “útil” e aquilo que é “não útil”. Ensinar literatura é, portanto, criar um espaço para o “não útil” lado a lado com tudo o que, apesar de taxado como “útil”, mostra-se tantas vezes “inútil” para simplesmente ser humano (Carta de Fernanda Capraro Toledo) (GAGLIARDI, 2014, p. 346).

A carta é sintomática da proposta a que me dediquei no primeiro ano do projeto, pois pressupõe a formação de professores pesquisadores capazes de lidar com as potencialidades do texto literário e o que pode ser chamado de natureza desse objeto. Sua natureza reside precisamente nesse caráter de “não útil”, o que, afirma a citação, não significa “inútil”. O não útil, afirma Fernanda Capraro Toledo, excede a formação meramente utilitária do ser humano. A formação eficaz de professores de literatura pressupõe a sua capacidade de se pautar pelo princípio da “não utilidade” da literatura, posto que o papel da escola deve exceder e transcender a formação meramente utilitária, mas firmar-se também na formação de sujeitos sociáveis, socialmente sensíveis e empáticos.

Nesse sentido, venho buscando frequentemente um trabalho que tenha em conta as metodologias de pesquisa em literatura, considerando-se tanto os limites teóricos quanto os limites da interpretação, somando-se a isso uma reflexão crítica e ativa acerca do que se ensina quando se ensina literatura. Desse modo, pretende-se, com tal empreitada, fomentar as discussões necessárias em torno do objeto de nossa pesquisa, de nosso estudo, de nosso ensino, seja no nível superior, no âmbito da formação de professores, bem como de bacharéis, seja na educação básica.

## A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Durante os anos de 2021 e 2022, nas turmas de Teoria da Literatura do primeiro período de Letras, dediquei parte do curso ao mapeamento do que o corpo docente compreende por literatura, leitura e ensino. O mapeamento foi suficiente para chegar a conclusões mais ou menos genéricas, com alguns pequenos saltos que diferem do geral, o que foi, de certo modo, esperado e previsível.

Municiado das respostas dos estudantes, durante o ano de 2022, dediquei-me ao cotejamento de tais questões com a visão de diferentes teóricos, críticos e professores de literatura. Todas elas, visões que giraram e giram em torno tanto da tentativa de compreensão do que é o objeto que se estuda quando se estuda literatura, entendimento do que é o ensino de literatura, bem como que caminhos devemos tomar, nós professores e professoras dessa disciplina indisciplinada.

Assim sendo, o percurso desenvolvido até aqui deu-se mais no sentido de confirmação e constatação. Isto nos leva, por sua vez, como afirmei no princípio, por um caminho diverso do caminho da pedagogização constante, crescente e excessiva do texto literário e do ensino de literatura.

Para a sequência do projeto, que se dará numa tentativa de conjugar a equação definida por Fábio Durão: **pesquisa em literatura = interpretação + aparato acadêmico**, buscarei não só sondar o grau de aceitabilidade apresentado por estudantes de Teoria da Literatura do primeiro período de Letras diante da proposta. Passados 15 anos da iniciação profissional à docência, é preciso insistir em algumas teclas: primeiro, a de que não há receita para se ler um texto literário, posto não haver sentido fechado, definitivo, acabado; em segundo lugar, o aparato acadêmico é fundamental na formação docente do professor de literatura, posto que forma uma estrutura – flexível e em constante construção – em que se apoiar, mas também, pontos de argumentação para se refutar e dialogar; é fundamental, ainda, equacionar a interpretação, o olhar crítico, para o qual não há receitas e sem o qual não há trabalho de pesquisa em literatura.

Há uma afirmação de Žižek, em seu livro **Violência** (2014), que julgo fundamental para nós, professores e professoras de literatura, e que diz respeito à exequibilidade da equação de Fábio Durão. Žižek afirma que existe uma forma de violência fundamental “que

pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido” (ZIZEK, 2014, p. 17). Na atuação docente, “estar atento e forte” não é apenas um mote, lidamos constantemente com diferentes concepções de literatura e de ensino, e com frequência, lidamos com diferentes formas de violência da letra, diferentes formas da imposição de um campo de sentido, e, eventualmente, acontece de sermos nós quem o impomos.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinzburg. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Tadei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Péter Pal Pélbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Revisão técnica e introdução de Evando Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

DURÃO, Fábio Akcelrud; CECHINEL, André. **Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento**. São Paulo: Parábola, 2022.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FRANCHETTI, Paulo. **Sobre o ensino de literatura**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

GAGLIARDI, Caio Lui. Ensinar Literatura: a que será que se destina? **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 34, n. 2, p. 337–348, 2014. DOI: 10.20396/remate.v34i2.8635852. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635852>. Acesso em: 26 jan. 2023.



MANGUEL, Alberto. **Notas para uma definição do leitor ideal**. Trad. Rubia Goldoni. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PÉCORA, Alcir. Literatura como ato irredutível a conhecimento. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 34, n. 2, p. 307–312, 2014. DOI: 10.20396/remate.v34i2.8635849. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635849>. Acesso em: 26 jan. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **As margens da ficção**. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021.

ZIZEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Este texto foi lido, revisado e formatado por Thaís Duarte Silva, revisora com experiência na Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.

Recebido em: 30/01/2023

Parecer em: 09/05/2023

Aprovado em: 30/05/2023